ASPACER
Associação Paulista das Cerâmicas de Revestimento
SINCER
SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DA CONSTRUÇÃO, DO MOBILIÁRIO E DE CERÂMICAS DE SANTA GERTRUDES

Boletim informativo

Sexta-Feira, 08 de Agosto de 2025 - **N° 689**

Tarifas de Trump já afetam a indústria de cerâmica

Os fabricantes brasileiros de revestimento cerâmico não conseguiram escapar das tarifas de 50% sobre a exportação para os Estados Unidos. A previsão é de queda de 80% nos produtos enviados ao país, afirma Sergio Wuaden, presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Cerâmica para Revestimentos (Anfacer). As vendas para os EUA geraram US$ 95 milhões em receita no ano passado.

Os produtores já enfrentam desafios no país, com 30% de capacidade ociosa e alta competitividade, que impede ganhos de preço e margem. A produção nacional recuou 0,9% no primeiro semestre, para 400 milhões de metros quadrados.

De janeiro a junho, o Brasil exportou 11% da produção, em volume. Disso, um quinto para os Estados Unidos, país que depende dos produtos que vêm de fora.

Wuaden explica que os fabricantes americanos de cerâmica só conseguem atender 30% do mercado. O Brasil é um exportador importante para eles, mas mais ainda é a Índia, que também foi taxada em 50% — a nação havia recebido uma taxa de 25%, dobrada nesta semana. Os consumidores americanos devem esperar aumentos de preço. Tudo isso gera um "tumulto" no mercado, diz.

Ele também é diretor do grupo Lamosa no Brasil, que produz as marcas Roca Cerámica e Incepa. A empresa direciona 30% da sua produção aos EUA, bem acima da média do setor. Ou direcionava, porque a carteira de pedidos para o país já caiu 80% desde abril, quando a primeira tarifa, de 10%, foi anunciada, conta o executivo.

Das três fábricas que mantém no Brasil, uma delas, em Campo Largo (PR), na região metropolitana de Curitiba, é quase totalmente dedicada à produção para os EUA. Ali, segundo Wuaden, será possível manter a planta por mais três meses, já contando com intervenções como férias coletivas e demissões.

Ele dispensa a possibilidade de redirecionar a produção para o mercado interno ou para outros países. São itens com "formatos e técnicas de produção diferentes", sem um mercado alternativo para absorvê-los prontamente. Uma adaptação de maquinário levaria ao menos 12 meses, sem contar no investimento necessário. "E como tomar uma decisão de fazer investimento com uma insegurança desse tipo?", questiona.

A Dexco, que produz as marcas Portinari e Ceusa, exporta menos, mas prevê impactos indiretos. Em junho, a companhia paralisou linhas de produção de revestimento em Santa Catarina, e tem focado na produção em uma nova planta em Botucatu (SP).

Em teleconferência com analistas ontem, o presidente Raul Guaragna afirmou que parte da produção de seus concorrentes, que antes era destinada aos EUA, pode voltar ao mercado brasileiro, que já passa por um ambiente competitivo "desafiador". "É possível vermos ainda no terceiro trimestre alguma pressão de preço em revestimento."

É o que Wuaden chama de "ondas" de impacto. Empresas como a Lamosa são afetadas mais rapidamente, mas outras, como a Dexco, podem sentir a reverberação das tarifas na oferta do mercado interno brasileiro. Quem exporta para outros países também pode enfrentar mais competição, já que produtores — como os indianos, por exemplo — vão desbravar novos mercados.

Ter uma operação já montada nos EUA é o trunfo da Portobello, que fez em sua planta no Tennessee, inaugurada em 2023, o "maior investimento da sua história", de cerca de R$ 1 bilhão, como conta o CEO John Suzuki. Essa aposta, inclusive, contribuiu para o endividamento da companhia, uma das preocupações da gestão atual.

De qualquer forma, ter produção em solo americano é um diferencial da empresa, que também exporta aos EUA. A nova planta ainda não consegue produzir tudo o que a empresa vende ao país: ao mesmo tempo em que fabrica 350 mil metros quadrados de revestimentos ao mês nos EUA, a Portobello exporta outros 200 mil m² direto das fábricas brasileiras, ou 5% de tudo o que produz aqui. Suzuki calcula que deve haver um período de dois ou três meses de "acomodação".

Parte da produção brasileira destinada aos EUA deve ir para outros países e para o mercado interno. O desafio para a Portobello, afirma o executivo, não é técnico, industrial, mas de venda. "Não queremos piorar a rentabilidade em torno desse volume", diz, que é, em geral, de maior valor agregado.

A produção nos Estados Unidos deve crescer. A fábrica tem dois fornos em operação e o CEO diz que o terceiro está no planejamento, para 2026. "Aí completamos a primeira fábrica do projeto, nossa ambição nos EUA é muito maior."

Os produtores de cerâmica ficaram de fora das isenções à tarifa, mas ainda tentam reverter esse quadro. Segundo Anfacer, há conversas por meio da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e também com a associação dos ceramistas americanos, a TCNA (Conselho de Revestimentos da América do Norte, na sigla em inglês). Wuaden conta que também há negociações diretamente com clientes, mas que, nesse caso, são "paliativas", já que não é possível manter o negócio viável por muito tempo com o acréscimo de 50% no preço.

O governo brasileiro poderia ajudar o setor ao baratear o gás natural, reivindica Wuaden, que chega a ser cinco vezes mais caro do que nos EUA, segundo ele, e responde por 30% do custo de produção do revestimento. O gás mais barato, de xisto, uma das indústrias incentivadas por Donald Trump, é apontado por Suzuki como outra vantagem da operação americana da Portobello. "O gás mais barato do mundo está nos EUA e no Oriente Médio."

Fonte: Valor Econômico

12º Fórum Nacional de Design para Revestimentos Cerâmicos destacará o design como ferramenta de cuidado, regeneração e impacto social

A ASPACER realizará o 12º Fórum Nacional de Design para Revestimentos Cerâmicos, que este ano traz como tema central: "Criar é Cuidar: O Design Regenerador como Compromisso com a Vida e o Futuro". O evento será realizado nos dias 03 e 04 de setembro, na sede da ASPACER, em Santa Gertrudes, reunindo importantes nomes do setor para debater tendências, inovações e responsabilidades no desenvolvimento de produtos cerâmicos e de pessoas. O comitê técnico do evento, ao escolher o tema desta edição, também buscou valorizar questões humanas e sociais cada vez mais presentes no ambiente de trabalho. Nesse contexto, destaca-se a relevância da NR 1 – Risco Psicossocial, um tema atual e essencial para refletir sobre como o design, a gestão e a inovação podem contribuir para ambientes mais saudáveis, criativos e sustentáveis.

Mais do que um encontro técnico, o Fórum é um espaço estratégico para reflexão sobre como o design pode ser um agente de regeneração e sustentabilidade, integrando estética, funcionalidade e compromisso socioambiental. A proposta é estimular práticas que contribuam para um futuro mais equilibrado, responsável e inovador. Ao chegar à sua 12ª edição, o Fórum Nacional de Design consolida-se como um canal de diálogo entre fabricantes, fornecedores, desenvolvedores, designers, especificadores, técnicos, revendas, associações, universidades e todos os atores envolvidos na busca pela melhoria contínua dos revestimentos cerâmicos brasileiros. De acordo com os organizadores, o sucesso desse encontro começa muito antes da sua realização.

É fruto do empenho na definição de pautas relevantes, na escolha criteriosa de profissionais de referência e na organização de uma programação capaz de inspirar e transformar a cadeia produtiva

Com painéis, palestras e debates, o evento abordará, este ano, temas como inovação, sustentabilidade, tendências globais e design regenerador, sempre com foco no fortalecimento do setor e na criação de soluções que unam qualidade, responsabilidade e valor agregado.

Serviço:

Evento: 12º Fórum Nacional de Design para Revestimentos Cerâmicos

Tema: Criar é Cuidar: O Design Regenerador como Compromisso com a Vida e o Futuro

Data: 03 e 04 (quarta e quinta) de setembro de 2025

Local: ASPACER - Rua 4, 470 - Centro - Santa Gertrudes /SP

Inscrição e grade: http://premionacionaldesign.com.br

Novo modelo de crédito habitacional vai mudar regra de uso da poupança para incentivar financiamentos

O novo modelo de crédito habitacional em discussão no governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) vai fixar um prazo para o uso mais flexível da poupança pelas instituições financeiras. Ao fim do período, os bancos precisarão conceder novos financiamentos imobiliários para continuar usufruindo dos recursos da caderneta com maior liberdade na aplicação.

Técnicos envolvidos na discussão ainda trabalham na calibragem mais adequada, mas a tendência é que esse prazo fique em torno dos cinco anos.

O novo modelo de crédito habitacional prevê maior flexibilidade no uso de recursos do SBPE (Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo), que são uma fonte de captação mais barata para os bancos, pois a remuneração aos poupadores fica abaixo das taxas de mercado.

Hoje, os bancos recebem os depósitos dos clientes na poupança e precisam direcionar pelo menos 65% dos recursos para operações de financiamento imobiliário, além de deixar 20% do valor depositado compulsoriamente no BC.

No novo modelo, não haverá direcionamento da poupança para o crédito imobiliário, nem depósito compulsório. O dinheiro da caderneta ficará sem carimbo, e o banco poderá usá-lo para fazer outras aplicações com rendimentos maiores, desde que tenha concedido financiamentos habitacionais em valor correspondente.

A avaliação é que o desenho deve incentivar um crescimento exponencial do estoque de crédito imobiliário no país, hoje em torno de 10% do PIB (Produto Interno Bruto). O patamar está abaixo do observado em países como Chile, Colômbia e África do Sul, onde a modalidade corresponde a 20% a 30% do PIB.

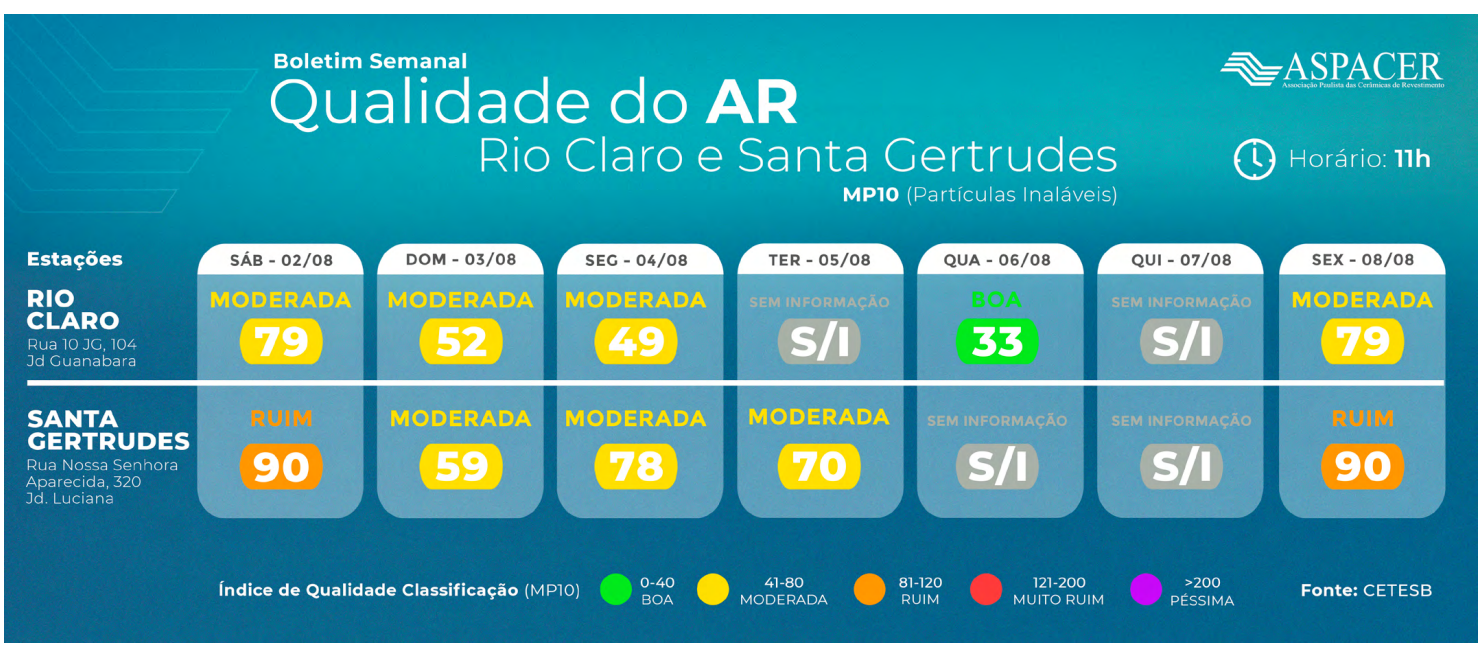
Estimativas internas indicam a possibilidade de o Brasil dobrar o estoque de crédito habitacional em uma década a partir da implementação das novas regras.

Os detalhes finais do novo modelo estão sendo fechados pela Casa Civil, pelos ministérios da Fazenda e das Cidades e pelo Banco Central. A Caixa Econômica Federal, principal operadora do crédito habitacional, também participa das discussões.

A intenção do governo é lançar as novas regras até o fim de agosto, quando haverá reunião do CMN (Conselho Monetário Nacional), colegiado responsável pela formulação da política de moeda e crédito. O conselho é formado pelos ministros Fernando Haddad (Fazenda), Simone Tebet (Planejamento) e pelo presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo.

A intenção é quebrar o vínculo direto que existe hoje entre poupança e crédito imobiliário e incentivar a migração para fontes de financiamento (funding) de mercado, usando instrumentos que já existem, como a LCI (Letra de Crédito Imobiliário).

Fonte: Folha de São Paulo



PREVENÇÃO

Ações mitigatórias são fundamentais para manter a boa qualidade do ar, onde devem ser constantes medidas como: caminhões sempre transitarem lonados, com placa de proteção na ventilação do motor, escapamento na horizontal além da realização constante de umectação nas vicinais e limpeza dos veículos.

IMPORTANTE

Sempre que houver qualidade do ar classificada a partir de ruim, em qualquer uma das duas estações medidoras, as atividades de operação e formação de pilhas assim como carregamento e basculamento de argila seca nos pátios de secagem deverão ser paralisadas em todos os municípios do polo, conforme determina o Termo de Compromisso assinado junto à CETESB;

Se a informação da qualidade do ar não chegar até você, acesse o site da CETESB através do Link: https://cetesb.sp.gov.br/ar/boletim-diario/

Para saber mais sobre esses assuntos, entre em contato
Tel.: (19) 3545-9600
Visite o nosso site: www.aspacer.com.br